

ADINKRAS - SABEDORIA EM SÍMBOLOS AFRICANOS - CULTURA, IDENTIDADE E A ARTE TRAZIDA PELA DIÁSPORA AFRICANA

Luciane Sutério Vieira¹

RESUMO

O presente relato de experiência descreve uma prática formativa desenvolvida pela bolsista Luciane Sutério Vieira e pela professora preceptora Sara Luzzardi, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/FURG), vinculada ao subprojeto de Artes Visuais. A atividade foi realizada com uma turma composta por 23 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Adelaide Alvim, localizada no bairro Junção, no município do Rio Grande/RS. A proposta ocorreu ao longo de dois encontros, com duração de 90 minutos cada. O plano de aula teve como objetivo reconhecer os símbolos Adinkra como expressão visual e cultural do povo Akan, originário de Gana, bem como compreender seus significados simbólicos e filosóficos. Dessa forma, buscou-se promover a reflexão acerca da importância das manifestações artísticas africanas na constituição da identidade e da cultura afro-brasileira. Inicialmente, a atividade desenvolveu-se por meio de uma conversa com os estudantes sobre o conceito de símbolos e sua presença no cotidiano. Em seguida, foram apresentadas imagens dos símbolos Adinkra, com explicações sobre suas origens, significados, representações e valores transmitidos, tendo como embasamento teórico a obra Adinkras: sabedoria africana, de Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Sá. Na sequência, os alunos foram convidados a criar carimbos a partir de um símbolo Adinkra cujo significado tivesse relevância pessoal. Posteriormente, esses carimbos foram utilizados na estamparia de tecidos, por meio da técnica da gravura, inspirada nas práticas africanas de estamparia Adinkra. Por fim, os resultados da atividade foram apresentados em uma exposição no espaço escolar, com as produções organizadas como vestimenta expostas em um manequim.

Palavras-chave: Arte/Educação, PIBID, Adinkras, Cotidiano, Cultura Africana.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido em aula de Artes Visuais, dentro do âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/FURG), subprojeto Artes Visuais, com 23 estudantes do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Adelaide Alvim, localizada no bairro Junção, na cidade do Rio Grande/RS, tendo como foco o estudo dos símbolos Adinkra, originários do povo Akan.

A valorização das culturas africanas e afro-brasileiras no contexto escolar constitui uma diretriz fundamental da educação contemporânea, especialmente após a promulgação da

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande -FURG - RS, luh.suterio@gmail.com;



Lei nº 10.639/2003. Nesse sentido, o ensino de Artes Visuais assume papel relevante na promoção de práticas pedagógicas que reconheçam e integrem saberes de diferentes matrizes culturais.

Os símbolos Adinkra configuram-se como uma rica forma de comunicação visual, sendo uma forma de escrita do povo Akan carregada de significados filosóficos, sociais e espirituais. Tradicionalmente utilizados em tecidos, cerâmicas e objetos, esses símbolos expressam valores como sabedoria, união, resistência e identidade.

A proposta pedagógica exemplificou, por meio de imagens, a presença desses símbolos no cotidiano, ainda que frequentemente de forma sutil ou invisibilizada, evidenciando que os Adinkras persistem em elementos como grades de casas e prédios, especialmente em construções mais antigas, bem como em objetos decorativos, joias e vestuários. Contudo, muitas vezes estão dissociados de seus significados originais, o que revela processos históricos de apagamento cultural e de desvalorização das matrizes africanas na constituição da cultura brasileira, Muganga (1999) evidencia que as contribuições africanas foram historicamente marginalizadas e ressignificadas de modo a ocultar suas origens. Diante disso, a proposta pedagógica, buscou articular conhecimentos históricos, culturais e artísticos, promovendo a compreensão dos significados simbólicos dos Adinkras e sua relação com a identidade cultural africana e afro-brasileira, alinhando-se aos apontamentos sobre as contribuições da inserção do ensino dessas culturas no currículo escolar quando refere que “os estudos sobre a valorização da história e cultura afro-brasileira também precisam ser abordados em sua totalidade em sala de aula, quiçá ela também reflita além dos muros da escola, de modo alcançar a comunidade”(Lima, Carvalho, Sousa, 2021, p.41)

A proposição teve como objetivo reconhecer os símbolos Adinkra como expressão visual e cultural do povo Akan, compreendendo seus significados simbólicos e filosóficos, fundamentada nos princípios da educação antirracista e em consonância com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Especificamente, buscou identificar o papel dos símbolos na comunicação e explorar os Adinkras como linguagem artística e cultural, articulando teoria e prática culminando na produção de carimbos artesanais e experimentações com estamperia em tecidos, inspiradas nos processos tradicionais africanos. A experiência evidenciou o potencial das práticas artísticas no reconhecimento da diversidade cultural e no desenvolvimento da expressão criativa dos estudantes.

METODOLOGIA



A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritiva, configurando-se como um relato de experiência, desenvolvido no contexto escolar, no componente curricular de Artes Visuais, com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

Metodologicamente, a proposta foi desenvolvida ao longo de quatro aulas, distribuídas em dois encontros de 90 min. cada, organizadas em etapas sequenciais, contemplando momentos de contextualização teórica, leitura dos símbolos adinkras, com uso de recursos visuais, materiais recicláveis e técnicas artísticas acessíveis, planejamento criativo, confecção de carimbos e experimentação prática com estampa em tecido, com ênfase no protagonismo dos estudantes. A abordagem adotada privilegiou a aprendizagem ativa e significativa, com participação direta dos estudantes na construção do conhecimento, alinhando-se à abordagem triangular descrita por Ana Mae Barbosa(2010).

O primeiro momento da proposta (1ª aula) consistiu na contextualização histórica da origem dos símbolos Adinkra desenvolvido pelo povo Akan, originário das regiões de Gana e da Costa do Marfim, destacando a importância de reconhecê-los como um sistema de escrita ideográfica e pictográfica. Foram apresentadas imagens desses símbolos, evidenciando seus valores, aforismos e conceitos filosóficos, bem como seu papel cultural na transmissão de conhecimentos e de mensagens relacionadas à vida, à moralidade e à espiritualidade, reforçando a identidade cultural e a expressão de valores e crenças. Ainda nessa etapa, promoveu-se uma discussão acerca da diáspora africana forçada, responsável pela difusão dos Adinkras para outros continentes, incluindo o Brasil, abordando sua presença em elementos do cotidiano, como grades de residências, objetos decorativos e bijuterias, muitas vezes incorporados sem o reconhecimento de seus significados originais. Essa discussão possibilitou a ampliação do debate sobre a importância do conhecimento ancestral e das heranças culturais africanas presentes no cotidiano, frequentemente invisibilizadas.

No segundo momento (2ª aula), desenvolveu-se a etapa de planejamento criativo, na qual os estudantes foram convidados a selecionar um símbolo Adinkra com o qual se identificassem, considerando seus significados simbólicos e sua relevância para suas experiências e vivências. Para fundamentar esse processo, realizou-se uma pesquisa orientada sobre os símbolos Adinkra, tendo como referencial bibliográfico a obra Adinkras – Sabedoria em símbolos africanos.

Na sequência, iniciou-se a etapa de confecção dos carimbos. De posse do símbolo selecionado, os estudantes procederam à transferência dos desenhos para bandejas de isopor recicladas, medindo aproximadamente 10 cm × 10 cm, utilizando estiletes para a realização dos recortes necessários. Posteriormente, os carimbos foram montados sobre bases de isopor



com maior espessura e firmeza, possibilitando sua utilização com maior segurança. A atividade foi finalizada com a realização de testes de impressão, com o objetivo de verificar a funcionalidade dos carimbos e os resultados visuais obtidos.

No quarto momento (3ª e 4ª aulas), realizou-se a experimentação da técnica de estamparia. Os estudantes utilizaram tinta de tecido na cor preta e os carimbos previamente confeccionados para estampar superfícies de papel e tecido, inspirando-se nos padrões visuais dos tecidos africanos tradicionais e tomando como referência as técnicas artesanais de estamparia desenvolvidas em Ntonso, em Gana, reconhecida como um importante centro de produção dos tecidos Adinkra (ROSS, 1998). Para a atividade coletiva, foram utilizadas quatro tiras de tecido medindo aproximadamente 50 cm por 150 cm, nas cores verde, amarelo, vermelho e azul, que serviram como suporte para a composição das estampas.

A atividade foi finalizada com a realização de uma roda de conversa, na qual os estudantes puderam refletir sobre o processo criativo, os significados atribuídos às imagens e os conhecimentos construídos ao longo da experiência. Paralelamente, foi organizada uma exposição coletiva das produções para apresentação na mostra cultural da escola.

Nessa ocasião, definiu-se que os tecidos produzidos seriam utilizados como vestimenta em um manequim expositor, acompanhados dos carimbos confeccionados e de um dicionário dos símbolos Adinkra presentes nas estampas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo fundamenta-se em uma perspectiva crítica e interdisciplinar do ensino de Artes Visuais, articulando cultura, identidade e prática pedagógica a partir da valorização das matrizes africanas. O recorte temático centra-se nos símbolos Adinkra, na produção de carimbos artesanais com materiais recicláveis e na estamparia de tecidos como linguagem artística, compreendendo tais práticas como estratégias de mediação cultural e de construção de conhecimento significativo.

Os símbolos Adinkra, originários do povo Akan, em Gana, constituem um sistema visual complexo, carregado de significados filosóficos, sociais e espirituais. Segundo Elias Nascimento e Luiz Gá (2022), os Adinkras operam como dispositivos de comunicação simbólica, expressando valores, provérbios e princípios éticos que orientam a vida em comunidade. Esses símbolos não se limitam à dimensão estética, mas configuram-se como formas de registro e transmissão de saberes ancestrais, vinculados à oralidade e à memória cultural.



Não só os desenhos do adinkra são estética e idiomáticamente tradicionais, como, mais importante, incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, da filosofia, dos valores e das normas socioculturais desses povos de Gana... Trata-se, então, de um antigo sistema africano de escrita. A importância desse fato é incomensurável porque a ciência etnocentrista europeia negou que a África tivesse uma história ao alegar que seus povos nunca criaram sistemas de escrita. (NASCIMENTO, GÁ, 2022, p. 22)

É necessário resgatar esses símbolos e trazer a tona sua visibilidade, visto que, as contribuições africanas foram historicamente marginalizadas no processo de formação da identidade brasileira. Essa etnocentria européia, juntamente com a ideologia do branqueamento, segundo Munanga (1999) contribuiu para o apagamento e a desvalorização das matrizes africanas, resultando em processos de invisibilização cultural que ainda se refletem nas práticas sociais e educacionais contemporâneas. Isso reforça a necessidade da valorização dos símbolos africanos como elementos constitutivos da identidade cultural afro-brasileira. Para o autor Abdias do Nascimento, a arte negra assume um papel fundamental na recuperação de referências simbólicas historicamente apagadas, configurando-se como espaço de resistência e afirmação cultural (NASCIMENTO, 1980).

Nessa perspectiva, a inserção dos Adinkras no contexto educativo no ensino de Artes contribui para a reconstrução de vínculos com saberes ancestrais e para o fortalecimento de identidades historicamente marginalizadas, configurando-se como um movimento de resistência e de revalorização de ensinamentos historicamente silenciados.

A prática educativa estava comprometida com a educação das relações étnico-raciais, defendendo o reconhecimento das culturas africanas e afro-brasileiras como constitutivas da sociedade brasileira. Alinhando-se ao pensamento de Gomes (2012) quando discute que a escola deve assumir um papel ativo na promoção de uma educação antirracista, capaz de problematizar desigualdades e valorizar a diversidade cultural.

Na proposta pedagógica adotada destaca-se a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa, que orientou diretamente a prática pedagógica desenvolvida, estruturando-a em três pilares fundamentais: a contextualização histórica dos símbolos Adinkra e sua origem no povo Akan; a leitura e interpretação dos símbolos, considerando seus significados filosóficos e culturais; e a produção prática, por meio da confecção de carimbos artesanais com materiais recicláveis e a experimentação com a estamperia de tecidos como linguagem artística. Essas práticas, favorecem a aprendizagem significativa, ao articular teoria e prática de forma integrada. A culminância desse processo deu-se na organização de uma exposição com as produções dos estudantes, constituindo-se como uma estratégia pedagógica relevante, na medida em que amplia a visibilidade dos trabalhos, fortalece o engajamento e contribui para a elevação da autoestima dos alunos. Ao reconhecer suas produções como expressões artísticas



legítimas, os estudantes passam a se perceber como sujeitos produtores de cultura, o que potencializa o processo formativo e amplia o alcance social da prática educativa sobre a cultura afro-brasileira.

A importância de ampliar os estudos e práticas pedagógicas que valorizem essas matrizes culturais, são pontos destacados por autores como Matheus Carvalho Lima, Ilenilde de Sousa Cruz Carvalho e Jailson de Machado Sousa, quando ressaltam que tais discussões devem ultrapassar os limites da sala de aula e alcançar a comunidade, promovendo maior conscientização e reconhecimento social.

Dessa forma, os autores selecionados para referenciar a proposta pedagógica desenvolvida, evidenciam e sustentam a importância de integrar arte, cultura e identidade no ensino, bem como de promover práticas educativas comprometidas com a valorização das matrizes africanas e com a construção de uma educação crítica, inclusiva e socialmente referenciada e embasada na BNCC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados evidenciam significativo envolvimento dos estudantes ao longo das atividades propostas, especialmente nas etapas práticas. A confecção dos carimbos e a estampa, despertou grande interesse, promovendo participação ativa e colaboração entre os alunos e o desenvolvimento da autonomia.(figura 1).



Figura 1: Arquivo da autora.



A análise das produções revelou que os estudantes compreenderam os significados dos símbolos Adinkra e conseguiram atribuir sentidos pessoais às suas criações. Esse processo demonstra a eficácia da abordagem pedagógica adotada, que articulou teoria e prática de forma integrada. Além disso, as discussões realizadas em sala indicaram avanços na compreensão da importância das culturas africanas na formação da identidade brasileira.

A experimentação da técnica de estamparia possibilitou não apenas o desenvolvimento de habilidades manuais, mas também a aproximação com práticas culturais de matriz africana, promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e valorização cultural (figura 2). Nesse sentido, a atividade contribuiu para a construção de uma aprendizagem significativa, em que o estudante se reconhece como sujeito produtor de cultura, em consonância com perspectivas de educação crítica e antirracista.



Figura 2: Arquivo da autora

Ao final do processo, os tecidos produzidos foram apresentados em uma mostra escolar, sendo utilizados como vestimenta em um manequim (figura 3). A exposição incluiu, ainda, os carimbos confeccionados pelos estudantes, acompanhados de um dicionário dos símbolos Adinkra presentes nas estampas (figura 4). Essa organização expositiva possibilitou a socialização dos conhecimentos construídos, ampliando o alcance da proposta para além da sala de aula e promovendo a valorização estética, cultural e simbólica das produções.





Figura 3: Arquivo da autora



Figura 4: Arquivo da autora

Observou-se, ainda, que a articulação entre prática artística e reflexão teórica favoreceu a ressignificação de elementos culturais frequentemente invisibilizados no cotidiano, contribuindo para o reconhecimento das matrizes africanas na constituição da cultura brasileira. Assim, os resultados evidenciam o potencial das práticas artísticas como instrumento de mediação cultural e de construção de uma educação comprometida com a diversidade e com o enfrentamento do racismo estrutural.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da proposta pedagógica com os símbolos Adinkra evidenciou o potencial do ensino de Artes Visuais como espaço de articulação entre cultura, identidade e prática educativa. Ao integrar contextualização histórica, leitura simbólica e produção artística, orientadas pela abordagem triangular, a experiência possibilitou aos estudantes não apenas o acesso a conhecimentos sobre os Adinkras, mas também a vivência de processos criativos ancorados em saberes ancestrais africanos, frequentemente silenciados nos currículos escolares.

Os resultados apontam que práticas artísticas fundamentadas em matrizes culturais africanas, como a confecção de carimbos com materiais recicláveis e a estamperia de tecidos, contribuem para o engajamento dos estudantes e para o fortalecimento e desenvolvimento de processos de autonomia e autoria. Mais do que desenvolver habilidades técnicas, a proposta favoreceu a emergência de uma consciência crítica acerca das dinâmicas de invisibilização cultural, evidenciando como determinados saberes são apagados, ressignificados ou apropriados sem o devido reconhecimento de suas origens, e contribuiu para a construção de aprendizagens significativas.

Integrar os adinkras no contexto educativo revelou-se, portanto, um ato pedagógico de reexistência, ao reinscrever no espaço escolar símbolos, narrativas e modos de pensar que foram historicamente subalternizados. A produção de carimbos e a estamperia de tecidos, inspiradas em práticas artesanais africanas, operaram como dispositivos de reconexão com uma memória cultural que persiste, ainda que muitas vezes de forma fragmentada no cotidiano.

A exposição das produções na mostra escolar ampliou esse movimento, configurou-se como uma estratégia pedagógica relevante, deslocando o conhecimento produzido em sala para o espaço coletivo e promovendo sua visibilidade, fortalecendo a autoestima dos estudantes e possibilitando a socialização dos conhecimentos construídos. Nesse sentido, a experiência ultrapassa os limites da sala de aula, aproximando a comunidade escolar das discussões sobre cultura afro-brasileira e reafirmando a arte como espaço de expressão, reconhecimento e resistência cultural.

Ao ocupar o ambiente escolar com referências estéticas de matriz africana, os estudantes não apenas compartilharam seus trabalhos, mas também afirmaram outras possibilidades de pertencimento, identidade e representação. Esse processo contribuiu para o fortalecimento e reconhecimento de si como sujeitos produtores de cultura.



Do ponto de vista da contribuição para a área, este trabalho reforça a importância de práticas educativas que integrem teoria e prática, reconhecendo os estudantes como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Evidencia, ainda, a necessidade de ampliação de propostas pedagógicas que abordem as culturas africanas e afro-brasileiras no ensino de Artes, especialmente aquelas comprometidas com perspectivas críticas, inclusivas e socialmente referenciadas, fortalecendo sua presença no currículo escolar. Trata-se de reconhecer a escola como espaço de transformação social, no qual a arte pode atuar como ferramenta de resistência, reexistência e produção de novos sentidos.

A continuidade de propostas dessa natureza pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais justas, plurais e comprometidas com a valorização das diferenças, tensionando estruturas históricas de desigualdade e promovendo uma educação verdadeiramente emancipadora.

Por fim, destaca-se a relevância de futuras investigações que aprofundem o uso de sistemas simbólicos africanos no contexto educativo, bem como a análise de seus impactos na formação identitária dos estudantes e na construção de práticas pedagógicas alinhadas com a BNCC. Assim, o presente estudo contribui para o fortalecimento de uma educação comprometida com a diversidade cultural e com a valorização dos saberes ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo apoio e incentivo ao desenvolvimento desta proposta pedagógica. À coordenadora de área do subprojeto de Artes Visuais, professora Daniela C. Schneider, pela orientação, acompanhamento e contribuições ao longo do processo formativo.

À escola-campo EEEF Adelaide Alvim, pelo acolhimento e pela abertura ao desenvolvimento das atividades, e, de modo especial, à professora supervisora Sara Luzzardi, pelo suporte, parceria e colaboração na realização desta proposta.

Aos estudantes do 9º ano, que participaram de forma exemplar, demonstrando envolvimento, sensibilidade e compromisso ao longo de todas as etapas do trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha família, pelo apoio constante, incentivo e suporte, que tornam possível minha permanência na escola e a continuidade do meu processo de formação.

REFERÊNCIAS



BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Jan/Abr 2012.

LIMA, Matheus Carvalho; CARVALHO, Ilenilde de Sousa Cruz; SOUSA, Jailson de Machado. Educação e as Relações Étnico-Raciais. Volume 2. Glauber de Araujo Barroco Lobato (organizador). Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

.NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. Adinkras: sabedoria em símbolos africanos. Organização Elisa Larkin Nascimento , Luiz Carlos Gá. 2. ed. Rio de Janeiro. Cobogó: Ipeafro, 2022.

ROSS, Doran H. Wrapped in pride: Ghanaian Kente and African American identity. Los Angeles: UCLA Fowler Museum of Cultural History, 1998.

